

**A JIRA DE CABOCLOS**

versão outubro/2002

**PARTE I: As funções da jira**

1. Introdução
2. As funções da jira
  - a) Harmonização energética: a “limpeza” na jira de caboclos
  - b) Desenvolvimento espiritual e mediúnico na jira de caboclos
  - c) A integração e a união do grupo de trabalho
  - d) A jira de caboclos como fonte de amor para outros trabalhos de caridade
  - e) Saudações a Orixás e as Linhas de trabalho

**PARTE II: A participação nos trabalhos da jira de caboclos**

1. Antes
  - a. Condição mental
  - b. Condição física
2. Durante
3. Depois

\*\*\*\*\*

*“Filia-te nas hostes da caridade e usa o potencial de luz que se deposita em tuas mãos de modo a produzir o maior efeito possível, a fim de beneficiar o máximo de necessitados. Assim procedendo, estarás firmemente a construir para ti um futuro harmonioso e promissor. Aproveita a oportunidade do trabalho que se abre diante de ti. É hora da sementeira. A colheita será farta.”*

“O Passe Espírita”, por Luiz Carlos de M. Gurgel (página 158)

\*\*\*\*\*

## PARTE I: As funções da jira

### 1. Introdução

Em nossos trabalhos, nos reunimos uma vez por mês para participar da jira de caboclos. A palavra “jira” (ou “gira”, corruptela de “enjira”) tem origem na língua banta dos ambundos (ou bundos), povo africano da região de Angola<sup>1</sup>. O “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”<sup>2</sup> assim define a (en)jira: “Em terreiros de umbanda, ou influenciados pelo rito angola-congo, cerimônia onde se canta e dança, geralmente em círculo, em homenagem às entidades da casa”. Sabemos, no entanto, que, além disso, a jira representa uma forma de trabalho para a caridade, sob responsabilidade—no caso que estudamos aqui—dos espíritos de luz que se apresentam na forma de índios ou caboclos. Por que existe esse tipo de trabalho? Como devemos entendê-lo? O que devemos fazer para dele participar da melhor maneira possível? É com o objetivo de responder a estas perguntas, e a muitas outras relacionadas à jira de caboclos, que desenvolvemos este capítulo de nosso estudo. Nele, descrevemos a nossa interpretação, baseada nos ensinamentos de nossos guias, sobre o significado e a necessidade deste trabalho em nosso terreiro. Daí resulta que este estudo não vai, necessariamente, explicar o significado da jira de caboclos na Umbanda, mas, sim, o seu significado no nosso caso específico; ou seja, descrevemos abaixo a maneira através da qual devemos entender a jira de caboclos de acordo com a forma de nosso grupo de trabalho vivenciar a Umbanda.

É importante que façamos este esclarecimento preliminar porque a jira, sendo uma forma de trabalho na Umbanda, sofre uma grande influência da cultura e da origem dos médiuns e da cúpula espiritual responsáveis pelo terreiro. Assim como existe uma grande variação desses componentes nos diferentes terreiros de Umbanda, também existem diversas formas de desenvolver a jira. Devido às sutilezas do fenômeno mediúnic, é muitas vezes difícil determinar de onde se origina cada parte de um determinado ritual (da cultura e da forma de trabalhar do médium ou dos guias?). De certa forma, no entanto, fazer esta distinção é muito menos importante do que procurar uma racionalização de cada componente do ritual, compreendendo sua razão de existência, para que esta razão—e não o ritual, em si—esteja viva nos corações de todos os trabalhadores do terreiro. Um dos objetivos deste estudo é, justamente, ajudar-nos a atingir um nível mais completo dessa compreensão.

Por causa dos motivos expostos acima, não podemos dizer que existe um ritual mais “correto” do que outro. O exercício da caridade e do amor, na melhor forma possível, deve ser a meta mais importante de cada grupo de trabalhadores em um terreiro de Umbanda; a maneira através da qual este exercício é

---

<sup>1</sup> O “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” nos dá vários nomes pelos quais essa língua banta é conhecida. São eles: quimbundo [do original “*kimbundu*”], ambundo, andongo, bundo, dongo, luanda e quindongo.

<sup>2</sup> Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. –3ª ed. Totalmente revisada e ampliada. –Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

feito possui importância secundária. Conclui-se, assim, que existem diferentes formas de atingir o objetivo ao qual o ritual serve, algumas das quais serão mais congruentes com a Lei do Amor do que outras. É difícil trabalhar conscientemente para o Amor quando não compreendemos a forma de trabalho que nos propomos a realizar ou quando nos concentramos mais na forma do que no sentido, na essência do trabalho. Por outro lado, entender o objetivo elevado do trabalho e utilizar o ritual como meio de atingir esse objetivo é, sem dúvidas, a forma mais eficiente de trabalharmos para o nosso objetivo maior: servir ao Amor Universal e entender este Amor, vivenciá-lo, sê-lo.

## **2. Funções da jira**

A jira de caboclos só é realizada uma vez por mês, em nosso terreiro. Por isso, nossos guias se utilizam dela para realizar vários tipos de trabalho. Tentaremos descrever abaixo um pouco sobre cada um deles. Tais trabalhos constituem meio para que a jira de caboclos realize seu principal objetivo: auxiliar-nos a compreender e praticar o Amor. Agrupamos tais trabalhos, em ordem aleatória, segundo a seguinte classificação:

- a) “limpeza” ao nível espiritual;
- b) desenvolvimento espiritual e mediúnico;
- c) estímulo à integração e à união;
- d) utilização da energia de amor produzida pelo grupo para a realização de trabalhos de caridade;
- e) saudações a Orixás ou linhas de trabalho.

### **a) Harmonização energética: a “limpeza” na jira de caboclos**

Durante a jira, a maioria das pessoas sente uma energia muito grande, que as envolve e pode causar efeitos físicos evidentes, que vão desde a respiração e batimento cardíaco acelerados até o descontrole parcial de todos os movimentos do próprio corpo. Estes fenômenos são normais e, por serem de origem espiritual, são facilmente (mas de forma equivocada) interpretados como sinais de desenvolvimento mediúnico. Em parte por causa desta confusão, é comum ouvir-se que, na Umbanda, o desenvolvimento mediúnico ocorre mais rapidamente do que na “mesa branca”, ou seja, no Espiritismo. Tal idéia não é congruente com o que entendemos sobre a mediunidade. A compreensão das funções da jira e da mediunidade nos ajuda a melhor fazer estas distinções: entender que há diferenças muito grandes entre *sentir* uma influência de energia espiritual, *desenvolver* faculdades mediúnicas e *saber servir* ao Amor Divino através de um apostolado mediúnico responsável e de propósitos elevados. Tratamos abaixo, de forma sucinta, da função de harmonização energética (“limpeza”) da jira de caboclos e sobre a dissociação desta função das questões relativas ao desenvolvimento mediúnico.

Analisemos um exemplo: uma pessoa busca um terreiro de Umbanda e, através de contatos com os guias ou com outros trabalhadores da casa, é encaminhada, pelos guias responsáveis pelos trabalhos, a participar da jira de caboclos. Isto significa que essa pessoa começará, necessariamente, a desenvolver a sua mediunidade? Será que um “canal de comunicação com os espíritos” será aberto sem o entendimento, controle e consentimento desta pessoa? Para ambas as perguntas, a resposta é, certamente, “não”. Se a jira de caboclos funcionasse desta forma, representaria uma agressão ao livre arbítrio e à liberdade das pessoas. Seria uma forma irresponsável de lidar com a mediunidade, instrumento de potenciais tão lindos quanto importantes e delicados. A participação na jira, em si, não causa o desenvolvimento da mediunidade, da mesma forma que o desenvolvimento da mediunidade pode ocorrer sem que o médium participe da jira. A analogia desta função da jira ao que ocorre durante um passe se faz esclarecedora: o recebimento de um passe (como a participação em uma jira) independe do desenvolvimento mediúnico da pessoa.

A Umbanda, fundamentada no Amor Universal e na prática da caridade segundo princípios cristãos, não poderia ser usada para desenvolver a mediunidade de todos os participantes da jira, pois tal ação constituiria um desrespeito à Lei da Liberdade, parte essencial da Lei Divina<sup>3</sup>. É por isso que concluímos que a jira de caboclos, através de espíritos de luz e trabalhadores responsáveis e conscientes, não é nunca utilizada para o desenvolvimento mediúnico de todas as pessoas que dela participam. Assim, no exemplo acima, o que determina a participação da pessoa na jira refere-se às suas necessidades específicas, as quais não são necessariamente dependentes de seu compromisso e/ou estágio de desenvolvimento mediúnico.

Nestas ocasiões, a jira serve a um propósito muito claro, que é o de propiciar à pessoa um contato direto com energias harmonizantes, aplicadas a ela pela equipe espiritual. Este contato lhe proporcionará uma reestruturação energética através de seus centros vitais, em mecanismo semelhante, como sugerimos acima, ao de um passe. Segundo Luiz Carlos de M. Gurgel, autor do livro “O Passe Espírita”<sup>4</sup>, o passe é “um procedimento fluídico-magnético, que tem como principal objetivo auxiliar a restauração do equilíbrio orgânico do paciente”, ou seja, a restauração do equilíbrio de seu corpo físico, perispírito e espírito. Esse é, exatamente, o processo que ocorre durante o passe de uma entidade em um terreiro (diretamente ou de forma mais sutil, durante o próprio atendimento) e é, finalmente, como podemos entender uma das funções da jira.

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre questões referentes ao livre-arbítrio e a Lei da Liberdade, consulte “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec (capítulo X, particularmente as perguntas 825-828 e 833-850).

<sup>4</sup> Gurgel, Luiz Carlos de M. 1944. O Passe Espírita. 3ª edição. FEB. (página 113). Uma explicação mais detalhada sobre os centros vitais e sua relação com o equilíbrio de nosso corpo e espírito pode ser encontrada nessa obra, bem como no livro “Evolução em dois mundos”, por André Luiz (através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier e Waldo Viera).

Fosse este o único efeito da jira, no entanto, ela não seria usada ao invés de um passe. Assim, ainda relacionado unicamente à sua função de harmonização energética, a jira também atua de outras formas. Por exemplo, o contato com energias espirituais que a jira proporciona pode ser também conduzido, com efeitos benéficos, a qualquer espírito em necessidade que esteja ligado, pelo motivo que seja, à pessoa participante da jira. Por esse motivo, é possível que o guia responsável pela jira nos peça que, ao “girar”, nos concentremos em certas pessoas ou em certos locais que freqüentamos. Finalmente, a experiência da jira, em si, tem o potencial de despertar em todos os participantes questões e interesses relacionados à realidade espiritual, desencadeando um caminho de auto-conhecimento e reforma íntima, conforme descreveremos em mais detalhes a seguir. É este caminho que permitirá que a harmonização, adquirida durante a jira, seja levada a todos os momentos da vida de cada um.

Tudo que explicamos acima pode ocorrer com uma pessoa que é encaminhada a uma jira de caboclos e, como vimos, as atividades independem de questões relativas à mediunidade da pessoa que participa da jira; elas se relacionam, exclusivamente, à reestruturação energética (“limpeza”) através da aplicação de fluidos de amor. Esta é, vale ressaltar, uma das várias formas pelas quais a Umbanda exerce a prática da caridade.

## **b) Desenvolvimento espiritual e mediúnico na jira de caboclos**

O médium de Umbanda não precisa, necessariamente, “girar”. No entanto, conforme indicado no início desse capítulo, a jira de caboclos *pode* servir ao propósito de desenvolvimento mediúnico de *alguns* daqueles que estão integrados a ela, como trabalhadores do terreiro. Tal processo de desenvolvimento pode ocorrer de várias formas.

Do ponto de vista fluídico, o desenvolvimento mediúnico ocorre através de uma abertura psíquica do médium (subseqüente à harmonização energética, como descrita acima). Nestas condições, a abertura psíquica propicia um contato mais intenso, em momento e local apropriados, entre o médium e seu(s) guia(s). Nos trabalhos em nosso terreiro, particularmente, onde a maioria das jiras são restritas aos trabalhadores da casa, estas oportunidades de contato representam treino precioso no processo de afinização entre o médium e o guia, que trabalharão em atendimento às pessoas que procuram o terreiro em busca de ajuda e consolo. Assim, de acordo com a organização, o planejamento e as necessidades do trabalho, alguns guias podem usar o momento da jira para trabalhar no plano físico através de alguns médiuns.

É a longo prazo, no entanto, que a jira proporciona um apoio maior ao desenvolvimento mediúnico. Como mencionamos brevemente acima (e, em mais detalhes, no capítulo dedicado à mediunidade), o fenômeno da *comunicação* mediúnica é somente um dos muitos aspectos ligados ao

desenvolvimento mediúnico, entendido em sua concepção mais completa. De maior importância, sem dúvidas, é o desenvolvimento moral e intelectual (ou seja, espiritual) do médium. Só assim, como descrito acima, percebemos a diferença entre *desenvolver faculdades mediúnicas* e *praticar a mediunidade responsável*, de propósitos elevados. A jira nos proporciona oportunidades de preparação para essa prática elevada, conforme comentamos a seguir.

Primeiramente, o simples fato de sentirmos, ao “girar”, uma energia que nos envolve e surpreende, nos leva a uma direta constatação: realmente existe algo, além de nossos cinco sentidos, responsável por isso. Ao sentir em nossos próprios corpos tais efeitos, temos certeza de que eles não são frutos de ilusões coletivas, induções de nosso subconsciente, ou simples charlatanismo—questionamentos comuns em grande parte dos médiuns iniciantes. O estudo, a observação cautelosa ao longo do tempo e o bom-senso nos levam à constatação de que esta energia provém de individualidades inteligentes (espíritos) que, de fato, podem usar nossos corpos físicos para se comunicar e essas comunicações, bem como os efeitos físicos que a acompanham, não são totalmente controlados por nós. Um dos resultados de todas essas experiências é uma *reflexão* sobre a nossa condição de espíritos. Tal reflexão, que nos indica um caminho de auto-conhecimento e reforma íntima—e que tem o potencial de nos levar a graus elevados de compreensão do amor e da verdade—é um dos frutos mais importantes da jira de caboclos. A jira, assim, serve como instrumento para que despertemos a nossa realidade espiritual. Este despertar, por sua vez, é um passo importante para o nosso desenvolvimento espiritual e, conseqüentemente, mediúnico.

A jira também nos auxilia em nosso desenvolvimento mediúnico ao nos dar a oportunidade de exercer uma forma de caridade. Assim fazendo, ela nos ajuda a encontrar bondade e pureza em nossos corações. Em um ambiente de amizade e união, somos convidados a nos concentrar em *doar* amor a nossos irmãos e a abrir nossos corações aos ensinamentos de Jesus e de nossos guias. Neste ambiente de luz, propício à nossa remodelação íntima, nos colocamos em condições de, posteriormente, fora de nossa casa de trabalho, manter um padrão vibratório elevado e sermos realmente úteis ao Plano Maior a cada dia, a cada momento.

### **c) A integração e a união do grupo de trabalho**

Devido às distâncias físicas que nos separam e às variadas responsabilidades de cada um, muitos trabalhadores da casa não têm condições de estar presentes a todos os trabalhos semanais de atendimento que a casa realiza. Os próprios trabalhadores mais assíduos, no entanto, também podem não interagir muito, visto que podem estar incorporados durante grande parte do trabalho e/ou não dispõem de tempo, face seus compromissos pessoais, para socializar entre si antes e depois dos trabalhos. Esses fatos nos trazem um problema. Sabemos que grande parte do sucesso do trabalho espiritual se deve à união,

afinidade e integração dos médiuns; assim, como manter essa afinidade se não conversamos e não nos vemos com uma frequência satisfatória? Sabemos que podemos nos encontrar durante o desprendimento pelo sono, mas essas reuniões noturnas são mais produtivas quando podemos pôr em prática seus resultados enquanto conscientes, no plano físico. É essa, então, mais uma das funções da jira de caboclos em nosso terreiro: promover a socialização, a integração e união de todo o corpo mediúnico do terreiro, de forma que a sintonia entre nós seja fortalecida, melhorando, assim, a qualidade do trabalho (do qual, lembremos, participamos a todos os momentos).

Paralelamente, ela nos dá a oportunidade de nos *manter unidos*, apesar de diferenças de opiniões que possamos demonstrar nos momentos em que interagimos fora ou dentro dos trabalhos. Ou seja, na eventualidade de um desentendimento entre dois integrantes do grupo em determinada circunstância, sabemos que precisamos respeitar a individualidade de cada um e estar juntos, de mãos dadas, vibrando amor, pelo menos uma vez por mês. Como podemos fazer isso se guardamos mágoas em nossos corações? Como podemos nos ver como irmãos se nos habituamos a fazer julgamentos negativos e improdutivos em relação aos outros? Vemos, assim, que a função social da jira em nosso terreiro vai muito além de uma formação ou confirmação de laços afetivos: ela nos *ensina a viver*. Conseguir manter a harmonia e a boa vontade entre nós, médiuns da casa, apesar de diferenças de personalidades e opiniões, é um passo bem sucedido em direção ao nosso verdadeiro desafio: manter o equilíbrio, a alegria, e o amor no coração em interações com *todos* que encontramos em nosso caminho—irmãos que, vale lembrar, podem ainda não ter despertado para a necessidade da reforma íntima e o desejo do auto-conhecimento através do amor.

É importante citar, ainda sob esse ponto referente à jira, que, da mesma forma que a equipe espiritual seleciona e convida as pessoas que podem se integrar aos trabalhos da jira de caboclos<sup>5</sup>, qualquer trabalhador que, pelo motivo que seja, produz desequilíbrio e desarmonia pode ser convidado a se afastar do grupo. Manter o bem do grupo e do trabalho em geral é, em parte, responsabilidade da equipe espiritual que nos orienta. Assim, entendemos porque nossos guias não vão hesitar em pedir o afastamento de um médium integrante dos trabalhos, caso ele/a esteja sendo uma fonte de energias prejudiciais ao trabalho, quebrando sua corrente de amor. Essa observação nos leva ao último aspecto da função social da jira: a reafirmação de nossos propósitos.

Ao nos encontrarmos mensalmente—e ao nos prepararmos para e esperar por esse encontro durante todo o mês—estamos reafirmado a nós mesmos que fazemos parte de um trabalho de grandes proporções, que requer responsabilidade, vigilância, e contínuo esforço para nos melhorar. Estamos, também, evocando e renovando em nós mesmos os nossos ideais e todos os sentimentos de alegria, paz e

---

<sup>5</sup> Ver sobre “quem é o médium de Umbanda?”, no capítulo “mediunidade”.

amor que encontramos durante a jira. Em suma: estamos reafirmando os nossos propósitos de trabalho de ajuda ao próximo e a nós mesmos, propósitos esses que, se realmente vivos dentro de nós, direcionam todas as nossas atitudes e pensamentos diários para o Amor Universal. Mais uma vez, vemos a jira de caboclos nos ensinando a viver.

#### **d) A jira de caboclos como fonte de amor para outros trabalhos de caridade**

A jira de caboclos, como todos os trabalhos de responsabilidade e de objetivos elevados, requer uma grande organização da cúpula espiritual com a qual temos a oportunidade de colaborar. Parte dessa organização, no que diz respeito à jira, se relaciona às decisões quanto ao direcionamento da energia de amor gerada durante os trabalhos. A reunião de vários médiuns concentrados e bem intencionados, por ser cuidadosamente planejada com antecedência, produz uma boa oportunidade para que espíritos de luz se utilizem de fluidos doados por esses médiuns para trabalhos de caridade. Essa caridade pode ser direcionada a trabalhos no plano terrestre (em hospitais, manicômios, terreiros e outros núcleos de atendimento ou concentração de sofredores) e/ou em locais análogos em outros planos de existência. Uma reflexão sobre essa função da jira de caboclos pode, naturalmente, fazer brotar as seguintes perguntas: “Não seriam os nossos guias capazes de doar fluidos “melhores” que os nossos?”; “Por que eles precisam dos *nossos* fluidos para esses trabalhos?”. As respostas a essas perguntas requerem compreensão de dois pontos básicos relacionados a essa função da jira de caboclos, sobre os quais tentamos comentar abaixo.

Em primeiro lugar, precisamos nos lembrar que a maioria dos trabalhos de caridade no plano espiritual envolve atendimento a espíritos muito ignorantes, muitos dos quais ainda estão ligados à matéria. Sabemos que, pela lei das afinidades, esses espíritos não podem, na maioria das vezes, ver luz nenhuma; ou seja, não podem ter interações diretas com nossos mentores e espíritos mais iluminados<sup>6</sup>. É por isso que nossos mentores se utilizam também de nossas energias, e não somente da energia deles: porque os fluidos que doamos são de natureza semelhante à da energia de espíritos sofredores e, por isso, podem ser manipulados de tal forma que auxiliem esses espíritos necessitados.

Sabemos, no entanto, que alguns de nossos guias trabalham especificamente com a manipulação de energia (matéria) e que inúmeros trabalhos de atendimento a sofredores são realizados por espíritos de luz sem a participação direta de médiuns encarnados. Assim, a resposta acima não é totalmente satisfatória, já que dela pode-se concluir que os nossos guias têm o potencial de trabalhar com espíritos sofredores sem a nossa cooperação direta. A explicação dada, então, nos mostra uma forma através da qual podemos ajudar, mas não indica que somos indispensáveis para esses trabalhos de caridade. O

---

<sup>6</sup> Ver questões 244 – 256 e comentários relacionados ao tema (item 257) em “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec.



entendimento disso nos ajuda a responder de forma mais completa as perguntas propostas acima e, principalmente, nos dá uma melhor compreensão de nosso papel nessa forma de exercício da caridade.

Assim, precisamos entender, que, na verdade, *os nossos mentores não precisam de nós para trabalhar na caridade; por outro lado, eles nos concedem a oportunidade de ajudá-los e isso representa, para nós, uma enorme caridade da parte deles*, pois é através dessa oportunidade de ajudar que podemos encontrar a direção para o caminho da Luz, para o encontro com nosso Eu Divino. É por isso que, como mencionado anteriormente, é essencial que saibamos *entender a mediunidade não como uma graça que concedemos, mas, sim, como uma oportunidade que recebemos*.

Concluindo, podemos dizer que, de acordo com o potencial do trabalho do grupo, o envolvimento da equipe espiritual e mediúnica, e com as necessidades de cada circunstância, os fluidos de amor gerados durante o trabalho desenvolvido na jira de caboclos podem ser direcionados para diversos trabalhos de caridade, em um processo no qual temos a oportunidade e a felicidade de participar. Mais uma vez, temos exemplos do exercício da caridade através da Umbanda.

#### **e) Saudações a Orixás e a Linhas de trabalho**

Nas jiras de caboclos que realizamos em nosso terreiro, aproveitamos o momento de nossas reuniões para saudar Orixás, bem como homenagear e reconhecer o trabalho e carinho de nossos guias, em suas várias formas (linhas) de trabalho. Em outras partes de nosso estudo, trataremos em detalhes sobre a questão dos orixás, do sincretismo, e das diferentes linhas de trabalho da Umbanda. Assim, nos limitamos, aqui, a simplesmente fornecer uma programação anual de nossas jiras, no que se refere a essas homenagens. Com isso, temos por objetivo facilitar o planejamento mensal de cada integrante do grupo de trabalhadores, no que concerne o estudo de preparação para cada jira de caboclos. Por exemplo, designamos o mês de março para a festa dos nossos guias que trabalham na linha dos boiadeiros. Sabendo disso, podemos usar o mês anterior para tentar entender melhor essa linha de trabalhos, de forma que, no momento da jira, possamos participar dos trabalhos com maior eficiência, adquirindo um maior respeito e compreensão por essa linha de trabalhos. Esse tipo de preparação pode, também, ajudar a que entremos em maior sintonia com nossos guias.

Cabe lembrar que os dias nos quais realizamos essas saudações e homenagens não são, necessariamente, os mesmos dias que encontraríamos em outros terreiros de Umbanda ou outras práticas religiosas que cultuam Orixás. Dentro de nossas limitações, tentamos simplesmente nos assegurar que trazemos um reconhecimento e agradecimento a todos os nossos guias, durante todo o ano. Finalmente, é importante enfatizar que a verdadeira homenagem, reconhecimento e agradecimento que podemos oferecer aos nossos guias está em nossos corações e que a reforma íntima de cada um de nós é o único

fruto pelo qual eles realmente se interessam. O ritual da saudação, como todos os outros rituais, é simplesmente um *símbolo*, que é tão vazio de sentido ou rico em significado quanto a intenção que o motiva e o grau de boa-vontade em nos melhorar que ele representa.

Segue a programação em nosso terreiro para o ano de 2002:

***Programação para o ano de 2002***

<b>Mês</b>	<b>Orixá e/ou linha de trabalho</b>
Janeiro	Oxossi (dia 20). Festa de Caboclos. Trabalho nas matas.
Fevereiro	Iemanjá (dia 2) e Povo das Águas. Festa de Baianos.
Março	Festa de Boiadeiros. Sexta-feira Santa (fechamento de corpo).
Abril	Ogum (dia 23).
Mai	Festa de Pretos-velhos (dia 13).
Junho	Festa para Exu (dia 13).
Julho	Nanã Boroquê (dia 26). Festa para o Povo das Águas. Trabalho na praia.
Agosto	Festa para Seu Zé Pelintra.
Setembro	Cosme e Damião (dia 27) e Xangô (dia 30). Festa da Mariazinha. Trabalho nas pedreiras.
Outubro	Festa do Povo Cigano.
Novembro	Omolum (dia 2).
Dezembro	Iansã (dia 4), Oxum (dia 8), Oxalá (dia 25). Trabalho na cachoeira.

**PARTE II: A participação nos trabalhos da jira de caboclos**

**1. Antes**

O trabalho relacionado à jira de caboclos começa a ser organizado e preparado muito antes do dia da jira. A cúpula espiritual responsável pelos trabalhos se reúne com os guias de cada um dos médiuns e determina um planejamento individual e coletivo para o que será desenvolvido durante a jira. Esse planejamento inclui, como descrito acima, a determinação do tipo de trabalho de caridade que ocorrerá espiritualmente e o tipo de trabalho que será desenvolvido com e para cada participante da jira. Também é definida com antecedência a maneira através da qual cada linha de espíritos (caboclos, pretos-velhos, crianças, baianos, boiadeiros, exus, etc) participará dos trabalhos. Por exemplo, para evitar desgaste físico excessivo por parte dos médiuns<sup>7</sup>, o máximo de duas linhas “giram” cada médium; isso não significa, no

<sup>7</sup> Lemos em “O Livros dos Médiuns” de Allan Kardec, capítulo XVIII (Dos inconvenientes e perigos da mediunidade), item 221, 2ª pergunta: “O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga? O exercício muito prolongado de qualquer

entanto, que todos os médiuns serão “girados” com duas linhas, nem que as linhas serão as mesmas para todos os médiuns. Paralelamente, o fato de uma linha de espíritos não estar trabalhando na Terra (incorporada), não significa, naturalmente, que ela não esteja trabalhando no plano espiritual. Todas essas decisões—que dependem das necessidades, limitações e potencialidades do trabalho—são tomadas com antecedência pela cúpula espiritual.

Em relação aos médiuns, especificamente, os trabalhos começam (ou melhor, continuam) muito antes da jira, em si. Desde o nosso despertar, no dia designado para a jira de caboclos, estamos acompanhados de nossos guias, que nos preparam para o trabalho a ser realizado. Essa preparação envolve uma identificação de nossas necessidades, limitações e potenciais em face do que foi planejado para cada um dos médiuns. O conjunto desses fatores vai determinar, assim, a forma específica através da qual cada um de nós participará da jira de caboclos. O que podemos fazer, então, para nos assegurar que estaremos preparados para fazer o melhor trabalho possível, dentro do que foi programado? O que está sob nosso alcance e responsabilidade, no que se relaciona aos preparativos que devemos ter no dia dos trabalhos?

É essencial que nos preparemos mental e fisicamente para os trabalhos. Esses preparativos se aplicam tanto para a função de “limpeza” da jira de caboclos como para as funções que envolvem o exercício mediúnico, já que tanto a harmonização energética quanto a mediunidade se relacionam com processos que envolvem afinidades fluídicas. O controle dessas afinidades, por sua vez, é o fundamento para a vigilância de nossos hábitos físicos e, principalmente, mentais.

Embora estejamos tratando especificamente dos trabalhos relacionados à jira de caboclos, o bom-senso nos indica que todas as responsabilidades relacionadas à mediunidade para o trabalho de amor, conforme discutidas em mais detalhes no capítulo respectivo, se aplicam igualmente para os trabalhos mediúnicos na jira. Da mesma forma, essa preparação e os cuidados que devemos ter com os nossos hábitos também se aplicam para todos os momentos de nossas vidas mas, em especial, para os que antecedem o serviço programado através da mediunidade. As recomendações para os médiuns que descrevemos a seguir foram dadas a nós por nossos guias, mas também são apresentadas em detalhes no livro “O Passe Espírita”, citado anteriormente. Esses preparativos podem ser organizados em duas principais classes: (a) preparação de nossa condição mental (atmosfera fluídica, psicósfera, ou padrão vibratório) e (b) preparativos relacionados à nossa condição física (saúde, sexo, alimentação). Certos aspectos relacionados à preparação para a jira de caboclos relacionados à ritualística fundamentada da Umbanda (comidas, vestuário, “banhos de descarrego”, etc) são tratados em detalhes em um capítulo à

---

faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz fadiga, mas que se repara pelo repouso.”

parte. Finalmente, vale lembrar *que a única condição realmente indispensável* para a participação na jira de caboclos, bem como em todas as outras atividades que envolvem o exercício mediúnico, *é o desejo sincero de ajudar*. Todas as outras condições, também muito importantes, são atingidas com o tempo, resultantes da disciplina, do estudo e do esforço pessoal que são frutos naturais da verdadeira boa-vontade.

#### **a. Condição mental**

Essa preparação envolve uma leitura elevada e/ou uma oração sincera, desde o início do dia designado para o trabalho da jira de caboclos. A oração sincera, em si, é fonte de inúmeros benefícios, a maioria dos quais não trataremos em detalhes aqui<sup>8</sup>. Com esse primeiro (mas importante) passo, nos esforçamos para que nosso padrão vibratório se afinize com o do Plano Maior, facilitando os trabalhos de nossos guias em nos ajudar e em estabelecer a corrente mental que une todos os trabalhadores. O sucesso do trabalho, como já lembramos anteriormente, depende em grande parte da sintonia e da boa-vontade do grupo todo—assim, a força da corrente gerada depende da força de cada um de seus elos, representados por cada um dos trabalhadores. Ao iniciar o nosso dia concentrando nossos pensamentos em assuntos elevados, através de uma oração ou uma leitura bem escolhida, nós reafirmamos, para nós mesmos, os nossos propósitos e recebemos o que precisamos para segui-los. Além disso, nós estabelecemos o padrão vibratório que queremos manter para sermos mais úteis no serviço mediúnico, fazendo a nossa parte para que a corrente de amor seja forte e dê bons frutos. Como nos lembra Luiz Carlos de M. Gurgel, o estudo constante, o exercício da caridade e a vigilância, além da prece, são algumas das ferramentas que possuímos a nosso alcance para atingir o padrão vibratório elevado e equilibrado que desejamos<sup>9</sup>.

#### **b. Condição física**

Certos cuidados relacionados à preparação de nossa condição física para a jira de caboclos merecem menção, já que eles também podem determinar o quanto seremos úteis e o quanto conseguiremos absorver durante a jira. Isso se deve porque o nosso perispírito está intimamente ligado ao nosso corpo físico; assim, tudo que afeta o nosso “corpo físico” também afeta o nosso “corpo espiritual”<sup>10</sup>. Discutimos abaixo algumas conseqüências práticas da conexão íntima entre esses dois elementos, focalizando na questão da participação dos médiuns na jira de caboclos.

---

<sup>8</sup> Para mais informações sobre os mecanismos e benefícios da oração, sugerimos consulta do “Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec (capítulo XXVII, “Pedi e obtereis”)

<sup>9</sup> “O Passe Espírita”, página 132.

<sup>10</sup> Segundo Luiz Carlos de M. Gurgel, em “O Passe Espírita” (páginas 81 e 82), o perispírito é “uma espécie de ‘corpo material’ do Espírito e é nele que se acumulam os registros de todas as ocorrências em que se envolve o indivíduo durante sua longa

Porque a jira de caboclos provoca uma reestruturação energética do indivíduo através de uma aplicação de fluidos magnéticos relativamente fortes, pessoas que se encontram com saúde muito debilitada não devem participar da jira. O mesmo ocorre para mulheres grávidas ou que se encontrem em ciclo menstrual. Nesses dois últimos casos (que, obviamente, não são “problemas” e muito menos, “doenças”), a mulher encontra-se em períodos de intensa atividade hormonal, que, por isso, são momentos de delicado reajuste energético em seus corpos; a jira de caboclos, em ambos os casos, poderia trazer complicações a esse período de reajuste, o que poderia refletir em complicações na saúde orgânica da mulher. No caso específico da gravidez, a situação é ainda mais delicada, pois envolve dois espíritos em contínuo processo de reestruturação energética e, por isso, é sempre desaconselhável que a mulher grávida seja “girada”. Nos casos da menstruação e de doenças, por outro lado, podemos ter exceções, as quais serão determinadas pelos guias de cada pessoa e/ou do terreiro. Isso ocorre porque, nesses casos, dependendo da necessidade de cada pessoa, os guias podem prepará-la com antecedência para que ela possa participar da jira sem complicações.

Um outro aspecto da preparação para a jira de caboclos relaciona-se com as atividades sexuais do médium. Lembremos que os médiuns são fontes de fluidos usados em trabalhos de caridade, durante a jira e sempre que necessário e/ou possível. Assim, o equilíbrio do médium é um pré-requisito para a realização de qualquer trabalho em nome do Amor. Existem duas formas principais através das quais as atividades sexuais podem prejudicar o estado de equilíbrio necessário para a doação de fluidos. Primeiramente, citamos o caso do uso do sexo simplesmente para satisfação física (que inclui também, com peculiaridades que não vamos nos aprofundar aqui, o caso da masturbação). A compreensão do papel do sexo na vida do ser humano é questão de profundas implicações para a prática da mediunidade responsável. O estudo detalhado em torno dessa compreensão nos leva a diversos campos de conhecimento, fontes de profunda contribuição para nosso caminho de auto-conhecimento e auto-realização. No entanto, embora esses estudos sejam valiosíssimos para todos os médiuns, eles não são o objetivo desse trabalho. Assim, quanto a esse tópico, nos limitamos a dizer que todo indivíduo é o reflexo dos padrões mentais que possui e, enquanto médiuns, não podemos doar o que não temos, o que não somos. Como sabemos, nós somos aquilo que pensamos, pois o pensamento é a fonte primordial de nossos atos, comportamentos, personalidade e, finalmente, de nosso caráter. Dessa forma, o apostolado mediúnico voltado ao serviço ao Plano Maior e ao Amor nunca será compatível com padrões mentais e comportamentais que exaltem e promovam paixões de natureza puramente material. Esses padrões,

---

jornada evolutiva. (...) O perispírito desempenha, pois, papel fundamental na manutenção da integridade do corpo físico e da própria individualidade do ser.”

refletidos na maneira em que vivemos, limitam o ser humano no seu caminho evolutivo por prendê-los à sua transitoriedade material ao invés de auxiliá-los na transcendência da mesma.

Por outro lado, a atividade sexual fundamentada no amor puro é fonte de harmonia e saúde. Mesmo nessas condições, no entanto, nossos guias nos pedem que não tenhamos relações sexuais pelo menos nas 24 horas que antecedem trabalhos mediúnicos programados, como na jira de caboclos. Qual a razão desse pedido? Se as relações sexuais responsáveis são compatíveis com uma vida equilibrada, por que evitá-las antes dos trabalhos? A explicação para isso nos é dada por nossos guias, conforme informação também dada pelo Espírito André Luiz<sup>11</sup> e por Luiz Carlos de M. Gurgel, e refere-se à função da glândula pineal (também chamada epífise). Essa glândula, localizada na base do cérebro, está ligada à geração de energia psíquica, ativa durante a doação fluídica através da mediunidade. Ela também está ligada, no entanto, com a atividade sexual, no plano psíquico. Assim, a atividade sexual, mesmo que responsável, causa desgaste de energias psíquicas que são usadas durante o trabalho mediúnic. Essas energias são naturalmente repostas ao organismo em um intervalo médio de 24 a 36 horas. Nas palavras de Luiz Carlos de M. Gurgel<sup>12</sup>, “dentro deste intervalo de recuperação energética do organismo, a capacidade para o serviço assistencial do passe [e o mesmo se aplica a outras atividades de doação fluídica] irá apresentar-se um pouco diminuída, embora, de forma alguma, tal atividade se ache inviabilizada. A inviabilidade, como já vimos, irá ocorrer, isso sim, toda vez que nos deixarmos conduzir a situações de desequilíbrio, ligadas ou não ao sexo.”

Seguindo a mesma linha de raciocínio, analisemos agora a questão da alimentação no período que antecede o trabalho mediúnic. A *quantidade* do que comemos é importante porque refeições pesadas causam uma sobrecarga em nossos aparelhos digestivo e excretor, desviando para o nosso próprio organismo energias que poderiam estar sendo conduzidas à geração de fluidos de doação. A *qualidade* do que ingerimos é, também, de muita importância. Isso se deve porque todo alimento carrega consigo uma carga fluídica, a qual também ingerimos. Essa carga incorpora-se em nosso corpo espiritual e influi, naturalmente, na energia que irradiamos. Esse mesmo argumento se aplica ao fumo, razão pela qual certos espíritos sentem um odor ruim sendo exalado de todo o fumante. Concluindo, alimentos que possuem fluidos pesados, tóxicos e/ou são de difícil digestão devem ser evitados. Por isso, bebidas alcoólicas e carnes (especialmente mal passada e de mamíferos) não devem ser ingeridos antes de trabalhos mediúnicos programados. Chocolate e café, por exemplo, provocam reações no sistema nervoso e também devem ser evitados ou ingeridos em baixas quantidades nos períodos que antecedem o trabalho

---

<sup>11</sup> “Missionários da Luz” (pelo Espírito André Luiz através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier); capítulo 2.

<sup>12</sup> “O Passe Espírita” (páginas 57-58 e 138-140)

mediúnico. A ingestão de alimentos que exigem bastante do sistema digestivo, como o feijão, deve ser moderada ou evitada, se possível.

Nossos guias nos aconselham a cuidar de nossas vestimentas, não usando jóias (principalmente de metais) e perfumes fortes. Eles também nos pedem que tomemos um “banho de descarrego” anterior ao trabalho (com sal grosso ou com “Sabão da Costa”). O razão para o uso desse tipo de banho estará explicada em mais detalhes em outro momento. Finalmente, fazem parte do ritual de nosso terreiro as vestimentas brancas, bem como o uso do *ojá* (“paninho na cabeça”). Sobre esses aspectos ritualísticos, também comentaremos com maior profundidade posteriormente.

## 2. Durante

A jira de caboclos em nosso terreiro é iniciada com a leitura comentada de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, seguida de uma oração espontânea. Nela, agradecemos o apoio de nossos guias e a oportunidade de trabalho e aprendizado. Também pedimos, com humildade, por orientação e proteção durante os trabalhos. Esse procedimento nos auxilia a entrar em sintonia com nossos irmãos de luz no plano espiritual e também nos ajuda a iniciar o exercício da concentração, necessário durante todo o trabalho.

Em seguida, são cantados pontos de abertura e para o Orixá ou linha de trabalho que estamos saudando de forma especial naquele dia. Os pontos cantados, que serão tratados em mais detalhes posteriormente, servem para nos ajudar a manter a concentração e, também, para que todos canalizem os pensamentos, ao mesmo tempo, em determinada linha de trabalho ou tipo de energia representada por cada orixá. Assim, os pontos cantados são uma maneira de utilização do potencial criativo e propriedades vibratórias da música para o exercício da caridade. Em nosso terreiro, os pontos são acompanhados do toque do atabaque e danças, refletindo as origens culturais (africana, do “culto ao santo”, no nosso caso) do grupo mediúnico e/ou de nossa equipe espiritual<sup>13</sup>. Essas origens, cabe lembrar, são relativas a encarnações anteriores, em muitos casos. Mais uma vez, lembramos também que a presença de atabaques ou de qualquer outro aspecto ritualístico, em si, não faz a jira ser útil e produtiva. O fator mais crítico que determina a qualidade do trabalho é, sempre, a intenção com a qual o trabalho é feito. Assim, terreiros nos quais a jira de caboclos não é acompanhada de toques de atabaque, mas somente com palmas e cantos, possuem exatamente o mesmo potencial de exercer o trabalho para o bem, desde que a intenção para tal seja igualmente boa.

---

<sup>13</sup> Como mencionado anteriormente, é difícil determinar se certos aspectos ritualísticos adotados em cada terreiro são originários na cultura dos médiuns, dos espíritos, ou de ambos. É claro, no entanto, que sempre existirá uma afinidade entre a equipe espiritual e o corpo mediúnico, a qual se reflete nos rituais adotados.

No momento em que a jira, em si, se inicia, todos os médiuns devem estar de mãos dadas e concentrados em *doar*—alegria, equilíbrio, amor—ao irmão que está “girando”. Assim, as mãos dadas, formando um círculo dentro do qual cada pessoa “gira”, têm por objetivos facilitar a formação de uma corrente de amor e ajudar na manutenção do equilíbrio mediúnico do grupo, para que esses momentos de doação sejam eficientes. Tanto a formação da corrente quanto a manutenção de um ambiente de harmonia e equilíbrio são essenciais para que os objetivos da jira sejam alcançados. Daí conclui-se que conversas, comentários, brincadeiras, ou atitudes que prejudiquem a concentração e tragam qualquer desequilíbrio ao grupo devem ser evitados, para que a corrente mento-eletromagnética criada não se quebre ou enfraqueça e para que possamos servir, durante o trabalho, da melhor maneira possível. Naturalmente, isso não quer dizer que devemos ser sisudos durante os trabalhos, já que a alegria e a responsabilidade, quando fundamentadas em equilíbrio e paz interior, são perfeitamente compatíveis.

Como enfatizamos anteriormente, a maneira através da qual a jira deve proceder foi planejada com antecedência e de forma cuidadosa por espíritos de luz responsáveis por nossos trabalhos. No caso específico de nosso terreiro, o chefe de falange *Caboclo Tupinambá* é o mentor que determina a conduta e a organização a serem seguidas durante a jira. Parte da execução desse planejamento é responsabilidade do pai-no-santo do terreiro, que, durante os trabalhos, ocupa uma posição que pode ser entendida como a de um *representante encarnado de nossos guias*. Ele é responsável principalmente por certas decisões de caráter administrativo como, por exemplo, a determinação do horário no qual os trabalhos terão início e de vários aspectos da organização do trabalho como um todo. Adicionalmente, quando um de nossos mentores não está incorporado nele, ele é inspirado durante os trabalhos, pela equipe espiritual, para tomar decisões sobre o andamento do trabalho e sobre eventuais ajustes que precisem ser feitos conforme as circunstâncias. É claro que pode ser muito difícil distinguir entre uma decisão inspirada ou uma decisão tomada diretamente pelo próprio pai-no-santo; essa distinção, porém, é perfeitamente relevante se a decisão não contradiz a moral cristã. Assim, concluímos que é no Caboclo Tupinambá que reside grande parte da responsabilidade pelos trabalhos e pelo bem dos médiuns, mas que, quando ele não está incorporado, o pai-no-santo é quem está em melhores condições de transmitir, durante os trabalhos, as decisões tomadas por esse nosso mentor, por estar ligado psiquicamente a ele. É de conseqüência imediata, então, que todos os trabalhadores do terreiro têm o *dever* de respeitar as decisões da cúpula espiritual (personificada no Caboclo Tupinambá) referentes à maneira através da qual os trabalhos devem ser conduzidos. Esse respeito assegura ordem e organização em trabalhos como o da jira de caboclos, que necessitam desses atributos para serem realizados em toda sua potencialidade.

Um exemplo de como devemos respeitar a organização dos trabalhos refere-se ao controle que devemos ter sob a nossa mediunidade. Como muitos de nós ainda nos encontramos em estágios primários



de desenvolvimento mediúnico, o controle e o entendimento da energia que sentimos é, muitas vezes, difícil. Por esse motivo, e devido à importância desse tópico para o equilíbrio dos trabalhos (e, em particular, da jira de caboclos), comentaremos agora, de forma mais detalhada, sobre o controle mediúnico.

De forma geral, *enquanto não estamos “girando” ou não temos a permissão do pai-no-santo ou do mentor responsável pela jira, não devemos dar passagem à incorporação de nenhuma entidade.* Teoricamente, essa *norma de conduta* é de fácil compreensão e aceitação. É fácil compreender que uma incorporação “fora de hora” prejudica o trabalho por quebrar a concentração e o equilíbrio da corrente, por se opor ao planejamento prévio dos trabalhos, e por impedir que o médium concentre-se em doar equilíbrio e amor para o irmão que está “girando” no centro do círculo. O problema reside na aplicação prática desse conhecimento.

Durante a jira, muitos médiuns encontram certa dificuldade para controlar as energias que sentem e, eventualmente, um descontrole maior pode levar a uma incorporação em um momento inoportuno. Algumas perguntas surgem naturalmente em nossas mentes, a essa altura de nosso estudo: “Se as incorporações são inoportunas, porque elas ocorrem?”; “Não saberia, o meu guia, evitar isso?”; “Se eu sinto tanta energia, não seria porque ‘está na hora de incorporar’?”. Responder a essas perguntas requer que nos aprofundemos um pouco mais em questões relativas à mediunidade e ao ambiente do qual fazemos parte durante a jira de caboclos.

Uma corrente mento-eletromagnética, que envolve todos os médiuns, é criada durante a jira. Como o nome indica, essa corrente é resultado da energia sutil (espiritual) que produzimos através de nossos pensamentos. Da mesma forma que produzimos essa energia, podemos também captá-la. Para fins ilustrativos, podemos visualizar cada médium como sendo a “antena de um rádio” (que capta essa energia sutil) em constante processo de ajuste, de sintonização. Durante esse processo, podemos captar várias formas de energia sem ter o controle do “volume” no qual elas se expressam. Este descontrole durante a jira é de certa forma natural, resultante da abertura psíquica obtida, da ligação psíquica que é criada entre todos (encarnados ou não) e da força da energia gerada pela corrente. Explica-se, assim, porque às vezes sentimos forte energia durante a jira, causando efeitos físicos de difícil controle (mesmo quando estamos de mãos dadas, formando um círculo que ajuda a distribuir essa energia de forma mais homogênea).

Por inexperiência e/ou falta de conhecimento sobre nossa própria mediunidade, estamos suscetíveis a associar essas energias, que sentimos durante a jira, à influência de nossos guias. Erroneamente, nesses casos, imaginamos que essa energia se origina de um espírito que “quer

incorporar”<sup>14</sup>. Assim, quando interpretamos a energia que sentimos durante a jira de forma incorreta, podemos estabelecer uma ligação mais forte com o espírito no qual pensamos (já que é natural que imaginemos um guia específico que “achamos que quer incorporar”). Se essa ligação é suficientemente forte, em certos casos, ocorre a “incorporação fora de hora”. Nos referimos a esse fenômeno dessa forma porque ele representa uma incorporação que não foi planejada e, sim, induzida pelo médium (que “puxou” a entidade) e que ocorreu devido às circunstâncias especiais do ambiente.

Nas ocasiões em que este fenômeno ocorrer (antes, durante ou depois da jira), é possível que o Caboclo Tupinambá peça para que a entidade desincorpore. Ele pode fazer isso diretamente ou através da inspiração dada ao pai-no-santo ou a um outro mentor que esteja incorporado no pai-no-santo. A entidade que incorporou “fora de hora” entende a necessidade de seguir a ordem planejada para os trabalhos e se prontifica a desincorporar imediatamente. Cabe ao médium, no entanto, assegurar-se que também compreende essa necessidade de ordem e organização nos trabalhos. É importantíssimo que o médium entenda essa necessidade com *humildade* e como parte de seu exercício de *disciplina*, pois só assim se assegura que nunca vai ficar magoado ou contrariado (o que seria muito prejudicial ao trabalho) com o pedido de que a entidade se desligue dele naquele momento. É essencial, também, que o médium saiba entender a diferença existente entre ele e o espírito comunicante. O aprendizado sobre essa diferença consiste em um dos maiores e mais importantes desafios na prática da mediunidade responsável<sup>15</sup>

Uma pergunta, no entanto, ainda precisa ser respondida: “Se a entidade que ‘incorpora fora de hora’ realmente entende que isso não é apropriado, por que é que ela incorpora?”. Embora seja difícil generalizar e simplificar a resposta dessa pergunta, podemos dizer que uma das razões é que isso é uma *forma de caridade e aprendizado* para os médiuns. A mediunidade, para ser um bom instrumento, também depende de prática e experiência do médium. Dessa forma, situações como essas, permitidas pelo Plano Maior em um local apropriado, servem como preciosa oportunidade para que os médiuns ganhem *auto-conhecimento* e *disciplina*. Como conseguiríamos ganhar essas qualidades se nunca fôssemos testados, ganhando oportunidades para praticá-las e aprendendo com nossas experiências? Vemos, assim, que as experiências referentes ao controle da mediunidade não só são naturais como também são muito importantes para o nosso aprendizado e desenvolvimento mediúnico e espiritual. Ao mesmo tempo, essas situações dão oportunidades aos outros médiuns de exercer a paciência e a

---

<sup>14</sup> Paralelamente, é comum termos a falsa idéia, mesmo que inconsciente, de que a “incorporação” ocorre quando o espírito “entra em nosso corpo”; na verdade, como sabemos, o que existe é uma ligação entre o perispírito do médium e o do espírito comunicante, que nunca *entra* no corpo do médium. Por isso, a rigor, o termo “incorporação” não é apropriado para denominar um tipo de mediunidade, embora seja de uso comum.

<sup>15</sup> Para uma melhor compreensão de todo o processo, é necessário que também se entenda os conceitos de “animismo”, o qual se relaciona às sutilezas naturais do fenômeno mediúnico e se relaciona ao caso em questão. Para informações sobre esses processos, a discussão dos quais desencadearia assuntos muito amplos, recomendamos leitura de “Transe e Mediunidade”, de J. Palhano Jr.

tolerância, bem como de aprender, por observação, sobre a sua própria mediunidade. Esperamos que esses comentários tenham contribuído para uma melhor compreensão da necessidade do controle mediúnico durante a jira de caboclos. Como explicamos, esse exercício de controle—etapa natural no desenvolvimento mediúnico—é uma das formas através das quais aprendemos a ser melhores instrumentos à prática da caridade e, também, é uma maneira de contribuir para uma boa realização de qualquer outro trabalho que envolva a mediunidade.

Pois bem: é chegada a nossa hora de ir ao centro do círculo e “girar”. O que devemos fazer? Qual a norma de conduta que devemos seguir? Primeiramente, devemos saudar o altar, simbolizando o nosso agradecimento à Deus e aos espíritos de luz que nos acompanham pela oportunidade de participar de um trabalho tão lindo. Depois disso, saudamos o tocador de atabaque. Nas jiras de caboclo em nosso terreiro, apesar de somente existir um atabaque no plano material, existem três atabaques e três tocadores no plano espiritual. Esses espíritos fazem parte da equipe que nos auxilia nos trabalhos e a eles devemos, por isso, mostrar reverência e agradecimento sinceros. Finalmente, saudamos o pai-no-santo (quando podemos dizer “motumbá” que, em Nagô quer dizer “com permissão”, ao que ele pode responder “motumbaxé”, ou seja, “permissão concedida, com axé”). Nesse momento, na verdade, estamos saudando também o Orixá da casa e o espírito responsável pela jira (o Caboclo Tupinambá, em nosso caso). Em seguida, orientam-nos, os nossos mentores: usemos desse momento para nos conectar com nossos guias, com toda a nossa fé, pensando em tudo de bom que eles têm a nos oferecer, nos auxiliando em nossa caminhada rumo à luz. Embora a incorporação seja possível e permitida, nesse momento, não devemos nos preocupar se ela vai ou não acontecer, já que essa preocupação nos desconcentra e impede que a nossa conexão com o Plano Maior ocorra mais intensamente. O que vai acontecer a partir desse ponto vai depender, na maior parte, das nossas necessidades e compromissos.

### **3. Depois**

O trabalho—o caminho—de e para Deus é interminável: É de essencial importância que compreendamos isso. O “fim” de um trabalho não é mais que o “início” de outro. Dentro dessa compreensão, “antes”, “durante” e “depois” se desfazem na eternidade de cada momento, a sensação da qual nos inspira a sermos felizes na busca, agora e sempre, de nosso Eu Divino.

As reflexões que a jira de caboclos provoca em cada um de nós têm inestimável valor, pois são, em potencial, as sementes de uma reforma íntima que nos indicará o caminho da Luz. Nesse caminho, somos e entendemos mais o Amor. Nele, podemos realmente servir a Deus, ajudando a nossos irmãos e a nós mesmos a sermos verdadeiramente felizes, alcançando o auto-conhecimento e a auto-realização.

Para que serviu o trabalho? Encontramos nele o que buscávamos? O que poderíamos melhorar, em nós mesmos e no grupo todo, para o próximo trabalho? O que aprendemos de novo? Como podemos aplicar em nossas vidas os ensinamentos e exemplos que encontramos, através de nossos guias? É responsabilidade de cada um de nós desenvolver o hábito de gerar perguntas como essas e meditar em suas implicações, depois de cada trabalho. O médium ciente de suas responsabilidades busca incansavelmente a reforma íntima e maneiras de aprender com suas experiências, de forma a ser, cada vez mais, um instrumento útil para o Plano Maior. A reflexão e meditação posterior a cada trabalho, assim, consiste em um dos muitos aspectos de nossa busca constante, e infinitamente bela e enriquecedora, pela Luz.

\*\*\*\*\*

*“A mediunidade, conforme sabemos, exige exercício disciplinado, sintonia com as Esferas Superiores, meditação constante, isto é, vida íntima ativa e bem direcionada, ao lado do conhecimento de seu mecanismo e estrutura, de modo a tornar-se faculdade superior da e para a vida”*

“Loucura e Obsessão” (página 290), pelo Espírito Manoel P. de Miranda (médium Divaldo P. Franco)

\*\*\*\*\*

**Nota:** Com exceção das referências de obras correlacionadas aos assuntos tratados e das citações devidamente identificadas quanto à origem, todas as informações contidas nesse estudo têm em sua fonte ensinamentos transmitidos a nós pelos nossos caridosos e bondosos guias Exu Pinga-Fogo, Exu Mirim da Calunga, Seu Zé Pilintra e Vovô do Congo. Que Deus nos ilumine e nos permita ser dignos de tanto carinho e atenção. Que saibamos enxergar em Jesus o caminho para fazer o melhor uso, dentro de nossas limitações, de tanta orientação e caridade recebida.

Los Angeles, Fevereiro de 2002